

Depoimento de Dani Bertolami sobre a vivencia do dispositivo coreográfico Fake Death. Prática de morte criada pelo coreógrafo americano Keith Hennessy, foi utilizada no laboratório para nos perguntarmos sobre as dramaturgias implicados nesses rituais cotidianos e suas consequências políticas.

\*

São Paulo, 27 de janeiro de 2018

Infinita potência de transformação. Novos lugares encontrados, vividos na experiência de morrer. Ontem o dia foi realmente novo. 26 de janeiro de 2018, meu segundo aniversário, como brincaram. Morri e fui velada num belo ritual indonésio lá no Bom Retiro. Depois fui despertada, e então a vida já não era a mesma.

(Minha crônica dificuldade de detalhar, de entender os caminhos e de lembrar de histórias. Não é, afinal, uma dificuldade com sequências? Parece que tudo é feito de unidades soltas, como um colar de contas que se rompeu. E então me proponho a detalhar para sequenciar). Me orientar no caos da minha organização, e não de nenhuma ordem estabelecida.

O combinado, morrer de repente, não importa como. O grupo que cuidaria de cada corpo ainda não estava dividido, primeira surpresa.

Assim fui, durante todo o ritual, cuidada e velada por pessoas que não fazia ideia quem eram – descobri só depois ao despertar. Fiquei surpresa ao ver o Bruno, a Bruna, o Marcelo, a Luiza, a Korina e o Luan. Que time!

Depois de desfalecer, ouvia os sons numa espécie de consciência inconstante. Eu performava minha própria ausência. Corpo com sentidos incompletos, difusos, com pouca compreensão do que se passava. Ouvia passos delicados e cuidadosos, que se aproximavam mas não chegavam até mim. Demorou até que as presenças se adensassem ao meu redor e para que, finalmente, alguém me tocasse. O primeiro toque foi, aparentemente, de duas pessoas ao mesmo tempo (eu estava deitada meio que de lado, com o corpo torcido e as pernas e braços jogados pelo chão de tacos envelhecidos sem verniz). Alguém tocou minha mão direita. Acolheu, acariciou. Minha mão, ao perceber que a experiência de fato começava, foi esfriando até gelar. O toque era áspero, as mãos fortes e espessas, deduzi que de um homem, sem imaginar (nem tentar) quem. Nas minhas costas um toque quente, suave e leve, um corpo de mulher. Seguiram tocando meu corpo (os tornozelos, as pernas, os cabelos que alguém recolhia da distribuição caótica pelo chão e ajeitava num feixe único, depois me acariciava a cabeça) até me virarem de costas para o chão para me pôr sobre o pano (combinamos previamente que toda a limpeza do corpo seria feita sobre o pano, já que o chão estava muito sujo). Começaram a tirar a minha roupa. Primeiro o short, depois a camiseta, o top, e por fim a calcinha. Enquanto me despiam do short, camiseta e top, eu, ao contrário do que podia imaginar, não precisei controlar meus impulsos de ajudar. Apenas me entreguei inerte à força de

corpos que me levantavam de um lado e de outro, até conseguir tirar essas roupas. Minha ausência era uma profunda calma feita de entrega e vontade de estar ali, naquela experiência. Quando senti as mãos levantando o meu quadril e puxando a calcinha para tirá-la, a entrega foi outra, já sem ressalvas ou resguardos, a entrega crua de um corpo desnudo, sem bolsos, sem surpresas. Esse era outro patamar de exposição, o que já conferia uma carga intensa de verdade ao fake. Eu então estava morta, e a nenhum barulho permitia orientar meu olhar. Minha morte, outra gargalhada muda. Lembrei de “Considerações sobre a guerra e a morte”, texto em que Freud conta uma piada. Um paciente dele diz à esposa durante o café da manhã: “meu bem, eu estava pensando, o dia em que um de nós dois morrer, eu vou morar em Paris”. Freud mostrando que não há representação para a própria morte. Mas lá estava eu, cagando pra qualquer representação, e de fato vivendo minha morte. Começaram a lavagem do meu corpo. Panos molhados eram esfregados com carinho sobre cada superfície minha – já não tão minha. O dia estava levemente frio, e os panos deixavam um rastro gelado pela pele. Foi um cuidado coletivo centrado em mim. Eu, quase confortável por poder receber isso sem estar lá. Como quem quer ser olhada em sua ausência. Terminado meu banho pós-morte, começaram a fechar o pano macio. Que sensação mais gostosa e sensível ser tensionada pelas fibras suaves do tecido (que eu imaginava laranja, embora fosse vermelho). Desfrutei do leve calor daquele casulo (que mais tarde seria uma cela de conflitos, quase infernal) e relaxei. (Antes de me embrulhar, juntaram-me as mãos sobre o ventre. Fiquei um pouco desconfortável nessa configuração. Mas

estava morta e ausente, cabia-me então no máximo investigar micro ajustes e aceitar). Um pequeno fiapo (ou provavelmente uma partícula ainda menor) de pano ficou pouco abaixo do meu nariz, acima da boca. Expirar já era então um procedimento aflitivo. A cada vez que soltava o ar, a partícula bailava por ali me atormentando. Precisava então encontrar maneiras para conviver, por mais uma ou duas horas, com esse incômodo. Não sei descrever exatamente o que fiz, e nem estou certa de que foi um esforço ativo da minha parte, só lembro que, depois de um longo desconforto, a partícula sumiu. Saiu de lá ou foi incorporada, não importa, eu já podia respirar minha faked death sem amargá-la.

Sentia lágrimas de algumas pessoas em volta. Não sei se era o som da respiração, uma voz chorosa, um nariz escorrendo ou o quê, fato é que eu percebia lágrimas em rostos que não via. Colocaram alguns objetos sobre mim. Borrifaram um cheiro aconchegante. E se deitaram à minha volta. Corpos vivos delimitando toda a fronteira do casulo que então era meu corpo. Um calor de puro afeto enchia meu peito com esse contato. Esse afeto de tão puro se adensava à minha volta de uma maneira inédita pra mim. Esse afeto me fazia tocar a matéria da vida. Aquela qual sobre tantas vezes questioneei ou duvidei ou elucubrei sobre. Agora era claro e palpável, era sentir o tato de um algodão-doce sem permitir que ninguém me dissesse que é apenas açúcar. Não é, já toquei açúcar e sei que é diferente, mas agora entendi. É mesmo uma coisa fugidia, evanescente ou volátil, uma experiência que não se fixa pela duração, mas pela sua reverberação. Esse afeto que reverbera abriu então novos caminhos pelas minhas vísceras, inaugurou vias de acesso e trânsito pelo meu ser, e agora

circula com outro vigor. Começou tocar Hallelujah. A beleza transbordante dessa música me mostrava que de fato tudo aquilo era sobre a morte. I couldn't feel, so I learned to touch. Minhas mãos exaustas da posição buscavam alívio. Minha mão esquerda, por baixo da direita, conquistou um pequeno ângulo que permitiu um movimento dos dedos. Pressionei com toda a força uma região que deve ser mais ou menos na altura do meu ovário direito, e um fluxo violento se inaugurou no meu peito. Era uma vibração de afeto ensolarado, doído de tão belo (I've heard there was a secret chord). Minha respiração era então de uma densidade desconhecida, de uma potência de vida que trazia mais e mais energia à vibração desse fluxo. Eu explodia em raios de sol sem UV, como se esse jogo cênico fosse limpando o que restava de gelo e gesso na fake life. Veio então Araçá Azul, do Caetano. Tudo o que eu conseguia ouvir eram os versos "com fé em deus eu não vou morrer tão cedo", enquanto alguém beijava e acariciava meu rosto, meus cabelos. Outra pessoa tocava minhas pernas, alguém produzia um leve balanço de aconchego. De repente me pareceu que era tarde pra pensar que não vou morrer tão cedo, que já estava acontecendo. Assim, no gerúndio. O Caetano, que vinha do meu lado direito, deu lugar a um som de mar. Ouvia as ondas estourando na praia. Meu corpo começou esfriar com a maresia. Nesse momento os vivos deviam estar escrevendo suas cartas de despedida, e comecei a temer o abandono. Pelas bordas do furacão de afeto uma corrente fria de angústia se infiltrava. Sobre o barulho do mar, uma voz passeava pela sala zelando pelos mortos com uma música de umbanda, acho. Era uma letra simples, dois versos ou nem tanto. A voz, nem masculina nem feminina, rouca e

precisa, dizia algumas palavras e terminava com “meu coração”. Depois repetia tudo. Foram muitas e muitas vezes seguidas. Cada vez que ouvia “meu coração” minha corrente de afeto alaranjado vibrava mais e mais, vibrava doída pois aquilo já anunciava o abandono. Eu precisava me afogar naquele afeto pra suportar o abandono. As lágrimas já transgrediam minha morte. Rolavam discretas e abundantes pelas pálpebras fechadas. Alguém secou com delicadeza esse rio das têmeoras, e acho que chorou também. E em algum momento dessa angústia que vinha nascendo, crescendo, tomando espaço, me dei conta de que tenho não pouca familiaridade em performar minha ausência. Que cada vez que calo o que ia dizer, cada vez que escolho não me colocar, tem uns momentos da vida que se vão enquanto fico à margem, olhando o movimento na plataforma de concreto do meu silêncio. Me veio então uma urgência tranquila, um deixar durar para que termine. Que se vá no seu tempo.

Ouvia os passos que se afastavam. Todos caminhavam com leveza até a porta, para longe de nós, os mortos, que não nos fazíamos companhia uns aos outros. Eu amava também os mortos, mas precisava era daquela coisa que só os vivos tinham, e lamentei profundamente o silêncio árido que se instalou. Ainda ouvia o barulho do mar e sentia o gelado da maresia, embora o som provavelmente não estivesse mais ali. Eu recebera um carinho completo, que é aquele que não se retribui. Toques e cuidados que em vida não se pode ter. a angústia acinzentava então o colorido do meu afeto. Já não conseguia relaxar, pois que o relaxamento machucava ainda mais minha lombar cansada de morrer. Eu estava fria e rígida, muito

mais morta no abandono do que antes. A bad da angústia não aceitava a entrega que tentei, tampouco me deixava meditar à espera do despertar. Voltem, por favor. O tempo passava e passava. Passava mais. Voltem, por favor. It's a cold and it's a very lonely Hallelujah.

O trunfo de investigar a dramaturgia dos acontecimentos é porventura encontrar novos caminhos. Novos lugares. Alguns se pode indicar, com maior ou menor grau de precisão ou precariedade, e sobre outros quase nada é possível dizer. É inexplicável o que foi aquela espera aflita, indizíveis as trilhas sofridas pelas quais vaguei. Voltem, por favor. A morte é insuportável e descabidamente real durante o abandono, então voltem, por favor.

Eu estava nua, enrolada num pano, meio que chorando sobre o chão sujo do segundo andar da Casa do Povo. E não desejava estar em nenhum outro lugar. Não era sobre arcar com uma escolha, era sobre querer. De alguma forma, em algum lugar pequeno e de difícil acesso, aceitei a angústia e o fiapo do pano e a lombar moída e fui sobrevivendo e morrendo naquele tempo sem tempo, naquele aión sem adjetivos. Simplesmente existi naquele vazio do abandono, naquele inverno de praia na Indonésia, naquelas descobertas e reencontros, até o despertar.